

# MISÉRIA E ESPLENDOR DOS GLOSSÁRIOS NAS TRADUÇÕES DA LITERATURA BRASILEIRA PARA O ALEMÃO

Thomas Sträter  
*Universidade de Heidelberg*

**Resumo:** Tanto nas atuais como nas antigas edições de traduções de literatura brasileira para o alemão, sempre houve o auspicioso costume de colocar um glossário final no volume. Esses minidicionários ou ‘paratextos’ (Genette) figuram como apêndices à obra, visando à elucidação de vocábulos locais, eventuais neologismos e expressões idiomáticas do texto original, mas que não encontram uma tradução direta na língua e na cultura alvo. Talvez por não ser parte original e obrigatória do texto traduzido, o glossário constitui-se tema até hoje raramente discutido em estudos tradutológicos. A intenção deste acréscimo de termos específicos é possibilitar uma compreensão mais abrangente e aprofundada do texto traduzido. Por outro lado, a manutenção destes termos no texto sinaliza ao leitor que o livro em questão não foi escrito originalmente em sua língua materna. Neste sentido, o uso de glossários poderia ser entendido como uma estratégia contra a situação que Lawrence Venuti rejeita, nomeadamente a ‘invisibilidade do tradutor’ (Venuti).

**Palavras-chave:** Glossários, paratextos, tradutores, ‘invisibilidade do tradutor’

**Abstract:** The article investigates the function of glossaries in translations of Brazilian authors into German. These mini-dictionaries or ‘paratexts’ (G. Genette) normally take the form of appendices providing explanations for local terms, neologisms and idiomatic expressions that cannot be translated directly into the target language and culture.

These glossaries are not of course part of the original work, and this may be the reason why they have not so far been considered a topic for research in Translation Studies. The translators’ intention in providing more information on specific terms is to facilitate a more profound understanding of the translated text. At the same time, preserving these terms and expressions in the text (untranslated) repeatedly reminds the reader that the text was not written in his native tongue. Accordingly, the inclusion of glossaries by translators could be understood as a strategy militating against the notorious ‘invisibility of the translator’ (Venuti).

**Keywords:** Glossaries, paratexts, translators, ‘translator’s invisibility’

O título deste artigo faz alusão ao famoso ensaio “Miséria e Esplendor da Tradução” (1937) do filósofo espanhol Ortega y Gasset que, por sua vez, adaptou e modificou o título do romance de Honoré de Balzac: *Splendeurs et misères des courtisanes* (1838-46).<sup>1</sup> Desta maneira, conseguiu relacionar ironicamente os chamados dois *métiers* mais antigos do mundo: o do(a) tradutor(a) e o da cortesã, fato até hoje muitas vezes comentado pelos historiadores e teóricos da tradução. Cabe-me advertir que no seguinte não vou mais me referir a este texto já clássico dos Estudos de Tradução, que não falta em nenhuma antologia de textos dessa área. Admito que o uso desta fórmula “miséria e esplendor dos glossários” parece ser um pouco atrevido, para não dizer especulativo, como vou mostrar adiante na minha exposição. Afinal, meu objetivo será apresentar e discutir o fenômeno dos glossários de uma maneira contrastiva.

A ideia de me dedicar a esta questão da existência, da forma e função de glossários em obras traduzidas do português para o alemão nasceu, há bastante tempo, de um estudo sobre as relações entre literatura e música na América Latina das vanguardas da modernidade. Assim, no romance *La vorágine* (1924), do colombiano José Eustasio Rivera, aparece um pequeno dicionário de duzentas e vinte palavras no final do texto, que exerceu um impacto bastante revelador no escritor cubano Alejo Carpentier. Ele adotou este truque no seu primeiro romance com temática afro-cubana *Écúe-yamba-ó* que, por sua vez, despertou o interesse do etnomusicólogo e autor brasileiro Mário de Andrade (cf. Sträter, *Feste und Proteste* 232).<sup>2</sup>

Em outro artigo, analisei a problemática da tradução intercultural num romance do autor moçambicano Mía Couto, *O último voo do flamingo* (2006), entre um intérprete africano nativo e um soldado italiano “capacete azul” das tropas da ONU (cf. Sträter, “Traduzir é preciso”). Neste romance, Mía Couto, que várias vezes se declarou um admirador das literaturas brasileira e hispano-latino-americana, acrescenta, como também o fez em outros romances, um glossário de 25 vocábulos africanos destinados aos leitores de

---

<sup>1</sup> Encontra-se na internet a versão original do ensaio junto com a tradução francesa, inglesa e portuguesa: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/scientia/article/.../25187> (consultado em 21/08/2018).

<sup>2</sup> O interesse de Mário como etnomusicólogo concentrou-se menos nas questões narrativas do que nas similaridades lexicais entre a música afrocubana e a afrobrasileira. Seus instrumentos, esp. os de ritmo, fascinaram-no, o que fica evidente pelas anotações no texto do romance e no seu glossário. A chamada rapsódia *Macunaíma* (1928) não tem um glossário, embora, para a tradução em inglês norteamericano para os Estados Unidos, Mário tenha acrescentado umas notas das quais o tradutor para o alemão, Curt Meyer Clason, se aproveitou no seu glossário (cf. Meyer-Clason, “Glossar” 163sq.).

língua materna portuguesa no mundo lusófono. É lógico que um tradutor destes textos, em que um glossário faz parte integral da obra, não pode prescindir de fazer uma tradução destes termos específicos na mesma forma de um glossário. Embora aconteça, não raras vezes, que um tradutor de uma obra literária, sem um glossário existente anexado pelo próprio autor, decida acrescentar, por conta própria ou pelo estímulo do editor ou da companhia editorial, um glossário semelhante a um minidicionário que explica palavras e termos inexistentes ou desconhecidos na língua e na cultura alvo em poucas palavras ou frases curtas.

Já no primeiro livro escrito sobre o Brasil, a famosa *Verdadeira história de um país de selvagens, nus, ferozes canibais, situado no Novo Mundo, chamado América* de Hans Staden, publicado em 1557, encontra-se nos últimos capítulos, de XXIX até XXXVI, de certa forma um glossário com os termos de animais e plantas desconhecidos na sua terra natal: a Alemanha. Entre eles, podemos citar, por exemplo, a descrição do tatú (Dattu), em alemão ‘Gürteltier’ (a trad. literal do alemão para o português seria: ‘Animal Cinto’):

Também há uma espécie a que chamam *Dattu* (140); tem mais ou menos uma palma de altura, e couraça no corpo todo, exceto na barriga onde não a tem. A couraça é como chifre e fecha com articulações como uma armadura. Tem focinho longo e pontudo e cauda comprida. Gosta de andar por entre as pedras; a sua comida são formigas e tem carne gorda, que muitas vezes comi. (Staden, *Viagem ao Brasil* 171s.)<sup>3</sup>

O objetivo deste artigo é, antes de tudo, focalizar um aspecto pouco estudado nas estratégias do tradutor que se vê confrontado com a tarefa de traduzir termos e vocábulos de uma cultura e de uma língua fonte bastante ou completamente distintos da sua própria, não europeia. No caso da literatura brasileira, estes termos encontram-se predominantemente, por exemplo., no amplo vocabulário de afro-brasileirismos, indianismos, regionalismos como de fatos, dados e personagens históricos e políticos, etc. que naturalmente fazem parte da literatura nacional deste país durante séculos até hoje. Então, as três estratégias metatextuais à disposição do tradutor, no sentido de enfrentar o desafio e encontrar equivalências para termos e palavras, à primeira vista, ‘intraduzíveis’, são:

---

<sup>3</sup> “Es ist etwa eine Spanne hoch und anderthalb Spannen lang. Außer am Bauch ist es am ganzen Körper gepanzert. Der Panzer ist aus Horn und schließt wie ein Harnisch mit Gelenken dicht ineinander. Das Tatú hat ein spitzes Maul und einen langen Schwanz. Es hält sich gerne in der Nähe von Felsen auf und lebt von Ameisen. Ich habe sehr oft von seinem etwas fetten Fleisch gegessen” (Staden, *Brasilien* 264s.). A ilustração na edição feito por um desenhista e gravador segundo as indicações de Staden fez do Tatú um animal mais parecido a um raposo.

1. Fazer, dentro do texto literário, uma descrição da palavra ou do termo mediante uma perífrase ou um circunlóquio;
2. o acréscimo de notas de rodapé;
3. a elaboração de um glossário.

O uso comum de perífrases ou circunlóquios representam uma estratégia tradutória conhecida, segundo a definição de Schleiermacher, como *domesticante* ('*einbürgernd*'), que faz o texto na língua alvo mais ou menos fluente e compreensível. O efeito é uma invisibilidade do tradutor, com o intuito de estabelecer a ilusão de que o texto tivesse sido escrito originalmente nesta língua. O uso de rodapés, comum somente em textos de caráter científico, é interdito em obras de prosa ou poesia e outras mais, – mesmo que seja às vezes praticado – pelo seu defeito de impedir uma fácil e compreensível leitura. A terceira estratégia, aliás uma dupla estratégia, a chamada estrangeirizante ('*verfremdend*'), consiste em deixar o termo da língua fonte intocado, talvez escrito em itálico ou entre aspas, deixando para o leitor a tarefa de adivinhar ou decifrar o sentido da palavra. Além disso, o tradutor decide por conta própria, de vez em quando, acrescentar uma lista alfabética de termos ou vocábulos simples que aparecem no texto. Nestes aditamentos, o tradutor vai além da sua tarefa meramente translatória para fornecer ao leitor, com suas explicações, descrições ou definições, uma leitura mais aprofundada. Estes aditamentos aparecem ainda nas obras traduzidas, na maioria dos casos, no final de livros traduzidos para o alemão sob o título de '*Worterkklärungen*' ('Comentários/explicações de palavras') ou '*Anmerkungen des Übersetzers*' ('Notas do tradutor') ou mesmo como '*Glossar*' ('Glossário').

A problemática dos glossários elaborados por tradutores, seu papel, suas funções, formas, virtudes e defeitos ainda pode ser considerada até hoje oculta, isto é, à sombra das teorias da tradução. Poucas, para não dizer praticamente inexistentes, são as referências nos Estudos de Tradução, em que o termo 'glossário' tem uma existência periférica e escassa. Uma exceção que se dedica a este assunto é um ensaio curto, embora pioneiro, no campo da já traduzida literatura brasileira para o alemão e os seus glossários anexados de Tito Lívio Cruz Romão. Ele analisou neste trabalho a tradução de termos das religiões afro-brasileiras em quatro romances de Jorge Amado.<sup>4</sup> A conclusão da sua análise

---

<sup>4</sup> Para uma lista das traduções de Jorge Amado para o alemão, cf. Vejmelka 326-340. Outro artigo sobre as dificuldades de traduzir termos das religiões afro-brasileiras e em geral das de textos afro-lusitanos é de Curt Meyer-Clason. Seu artigo "*Luanda – Das Unübersetzbare*" ("Luanda – o intraduzível") apresenta-se como um relato da sua tenda do escritor. Dela se pode tirar uma espécie de teoria de tradução implícita, que o tradutor

de termos dos cultos da religião afro-brasileira do Candomblé, dos serviços e ofícios aí presentes e dos deuses, chamados orixás, pode resumir-se na constatação de que a maioria dos termos e vocábulos glosados na língua e cultura alvo não foram descritos satisfatoriamente no sentido de possibilitar sua compreensão ao leitor alemão.<sup>5</sup> Quase sempre o glossário fracassa ao transmitir a complexidade dos termos com seus multifacetados significados inerentes. A sua redução e simplificação no alemão (e provavelmente em outras línguas alvo), às vezes sua inexatidão ou, no pior caso, sua falsificação não correspondem suficientemente ao grau de diferenciação na cultura e na língua fonte. Romão afirma que, por isso, certos aspectos dos romances de Jorge Amado – apesar do seu sucesso – repentinamente correm o risco de causar equívocos ou incompreensão por parte dos leitores alemães. A conclusão é desengañadora: “Consequentemente muitos dos aspectos essenciais dos romances de Jorge Amado não podem ser compreendidos ou ficam mal-entendidos pelos leitores e pelas leitoras alemães” (Romão 237, trad. minha).<sup>6</sup>

Não surpreende o fato de que a nova tradução do romance amadiano *Werkstatt der Wunder, Tenda dos milagres*, de 2012, continua na mesma linha como as quatro traduções pesquisadas de romances de Jorge Amado dos anos sessenta até 1990. Quando se lê nos glossários das traduções antigas, p. ex., sob o termo ‘babalaô’ “Priester des Jeje-Nagô-Kultes, Heiligenvater, Seher” (“Sacerdote do culto Jeje-Nagô, pai-de-santo, vidente,” trad. minha) ou “Priester der Ioruba, eines afrikanischen Negerstammes, bekleidet mit weißem Hemd, weißem Anzug und weißer Mütze” (cf. Romão 233s., “Sacerdote dos Ioruba, uma tribu de negros, vestido de camisa branca, terno branco e boné branco,” trad. minha), no glossário da nova tradução está escrito simplesmente, embora ainda mais enigmático: “Kultpriester des für Weissagung und Schicksalsdeutung zuständigen Gottes Ifá” (“Sacerdote do culto do deus Ifá, responsável por divinações e interpretações do destino,” Amado 428, trad. minha). Desnecessário dizer que o deus Ifá não encontra verbete no glossário. Outros termos específicos como ‘babalorixá’, ‘oga’ e ‘orixá’ sofrem ainda nas

---

jamais denominaria de “teoria”, mas, de maneira despretensiosa, ele oferece, como ele mesmo escreve, um “bate papo”, “eine Plauderei”.

<sup>5</sup> Contrário destes exemplos da literatura hispano-latinoamericana e da brasileira o autor brasileiro mais traduzido até hoje, Jorge Amado, nunca sentiu necessidade de explicar termos afro-brasileiros usados em glossários, rodapés, prefácios como posfácios (cf. Romão 238).

<sup>6</sup> “Infolgedessen können viele wesentliche Aspekte der Romane Jorge Amados von deutschsprachigen LeserInnen entweder nicht verstanden oder mißverstanden werden.“

traduções de hoje, como antes, o mesmo tratamento lexical descuidado que resulta afinal superficial, banal, para não dizer oco, sem significado e ajuda de compreensão na leitura.

Enquanto Romão compara as criticadas definições, todas destacadas como insuficientes, dos termos das religiões afro-brasileiras nos glossários dos quatro romances escolhidos de Jorge Amado, que foram traduzidos para o alemão, com o glossário de um estudo profundo sobre *Trance und Magie* de Dieter Fohr e o do *Dicionário de cultos afro-brasileiros* de Olga G. Cacciatore em favor dos últimos. Por seu caráter científico e, também, pelo fato de serem mais extensos, estes livros conseguem transmitir sem as limitações inerentes dos glossários, mais informações que possibilitam o entendimento de uma tradução literal como, por exemplo, ‘pai-de santo’ como ‘Heiligenvater’, ‘Vater der Heiligen’ num contexto compreensível.

Embora este vocabulário dos afro-brasileirismos nas obras de Amado seja parte integral da cultura brasileira, mesmo podendo supor e admitir que também a maioria dos leitores brasileiros (como os alemães) tem somente um conhecimento rudimentar da terminologia do Candomblé e, muito raramente, são iniciados nos seus ritos. O domínio de um ‘espaço terceiro’ (‘third space’), de que fala Homi Bhabha, que se instaura num campo de tensão entre identidade e diferença, estabelece uma condição básica da hibridização da cultura, língua, sociedade etc., como Romão conclui:

Como o povo brasileiro dispõe de um potencial comum da hibridação e também de um ‘Espaço terceiro’, que interliga os dois componentes, estes termos em obras literárias do Brasil geralmente não precisam de explicações. Esta situação é diferente com traduções de literatura pós-colonial do Brasil para línguas, que devem ser feitas através de estratégias metatextuais de uma mais fácil leitura para destinatários de línguas estrangeiras. (Romão 238, trad. minha)<sup>7</sup>

Cabe a pergunta: o que acontece quando este bom intento de possibilitar uma ‘leitura fácil’ do texto resulta num fracasso parcial, como foi mostrado?

De qualquer forma, a voz do tradutor implícito torna-se audível nos glossários. Afinal trata-se de informações e mensagens para os leitores do texto alvo, que tem como autor o tradutor. O uso do meio de um paratexto, de um glossário, faz uma ruptura com o quadro narrativo (*narrative frame*), como afirma Theo Hermans: “The translator ruptures the

---

<sup>7</sup> “Da das brasilianische Volk über ein gemeinsames Potential der *Hybridity*, sowie über einen Dritten Raum (Bhabha *apud* Wolf 103), der es verbindet, verfügt, sind diese Termini in brasilianischen literarischen Werken für die brasilianische Leserschaft meistens nicht erklärungsbedürftig. Anders verhält es sich bei Übersetzungen postkolonialer Literatur aus Brasilien in Sprachen, die [...] für fremdsprachige ZT-RezipientInnen durch metatextuelle Strategien *leserfreundlicher* gemacht werden müssen.”

narrative frame by means of paratextual notes” (Hermans 34). De que forma esta ruptura exerce seus efeitos na leitura? Christiane Nord destaca que os comentários nas traduções provocam no leitor uma certa reflexão sobre o distanciamento do texto. A função do texto fictício, como a dos glossários, não só modificam o efeito do texto, mas também rubricam o texto integralmente sob um novo tipo de texto, um texto híbrido:

Os comentários externos do texto jogam o leitor para fora da ‘situação interior’ e criam uma situação metatextual ou metacomunicativa, na qual ele pode refletir sobre o texto e sua própria distância do texto. O contraste entre a função do texto e a função dos comentários e notas modifica não somente o efeito do texto determinante, mas subordina o texto integral a outro tipo de texto. (Nord 413, trad. minha)<sup>8</sup>

Duvido um pouco desta interpretação idealista da recepção crítica pelo leitor. Obviamente, seria uma recepção desejável, projetando um leitor ideal, consciente e, durante sua leitura crítica, que estivesse sempre refletindo sobre o contraste dos dois tipos de texto. Mas suponho que uma leitura descrita por Nord pode ficar restrita a um estudioso de tradução.

Dentro de tradutologia (inglês *Translation Studies*; alemão *Übersetzungswissenschaften*), os glossários encontram-se sob a rubrica ‘paratexto’, termo cunhado por Gerard Genette no seu livro, na sua versão brasileira intitulado *Paratextos editoriais*. Paratextos são elementos que estão para além do texto, ou seja informações que acompanham uma obra e que contribuem para a motivação da sua aquisição ou leitura. Tais paratextos são, p. ex., a capa, a contracapa, a lombada, o prefácio, o posfácio, o índice, o título, os rodapés, os glossários, etc. Glossários já podem fazer parte integral da obra na sua versão na língua fonte, mas o fato que desperta nosso interesse, neste contexto, são os glossários acrescentados pelos tradutores. De qualquer forma, um glossário consiste num reduzido dicionário básico ou numa lista de vocabulário ordenado alfabeticamente (ou de acordo com as páginas em que aparece a expressão em questão), que explica termos e palavras completamente desconhecidas ou pouco comuns ou com alguma especificidade. Distingue-se dois tipos: primeiro, um *Dicionário* que repertoria *palavras* raras ou pouco conhecidas, acompanhadas de uma pequena definição ou de uma tradução; segundo, um *Léxico* formado por *termos* utilizados por um autor, por uma ciência ou uma técnica, dentro de um domínio especializado. O conceito chave do paratexto consiste em descrever o efeito de resenhas no condicionamento da imagem da obra literária traduzida na cultura

---

<sup>8</sup> “Die textexternen Kommentare katapultieren den Leser aus der ‚inneren Situation‘ heraus und schaffen eine metatextuelle oder metakommunikative Situation, in der er über den Text und seine eigene Distanz zum Text reflektiert. Der Kontrast zwischen der Funktion des Textes und der Funktion der Anmerkungen verändert nicht nur die Textwirkung entscheidend, sondern ordnet den Gesamttext einer anderen Textsorte unter.”

alvo. Assim, *The Routledge Companion of Translation Studies* oferece, no seu índice, a definição do lema de ‘*paratext*’ da seguinte maneira:

Paratexts are material additional to a text which comment on, evaluate or otherwise frame it. Genette (1997) describes two kinds of paratext: the ‘peritext’, which accompanies the text (e.g. foreword, translator’s preface, list of contents, acknowledgements, *glossary*, footnotes, index, cover) and the ‘epitext’, which appears elsewhere (e.g. publicity material, reviews, critical studies).

The importance of paratextual features lies in the evaluation they bring to the text and in their role of guiding the reception of the text by the reader. Thus, Baker (2006) describes how ideological shifts may occur in translation by the use of paratexts such as newspaper headlines and summaries added to a TT that has been otherwise closely translated lexically. (Venuti 214)

Genette dedica seu famoso estudo inteiramente às diferentes formas de paratextos, embora não faça nenhuma referência explicativa aos glossários em traduções, que simplesmente faltam. Por isso, eles oscilam entre o chamado ‘peritexto’ (qualquer texto encomendado por um editor a um tradutor ou por conta própria do tradutor) e as ‘notas autorais’ (cf. Genette, *Paratexte* passim).

Os crescimentos lexicais se encontram nos apêndices das obras traduzidas para o alemão sob os títulos ‘Glossare’, ‘Anmerkungen des Übersetzers bzw. der Übersetzerin’ (‘Advertências do tradutor, da tradutora’) ou simplesmente ‘Anmerkungen’ (‘Notas’). Quer dizer, nem sempre é claro que se trata de um paratexto escrito originalmente pelo autor (estas seriam, segundo Genette, ‘notas autorais’) ou que fosse algo acrescentado pelo tradutor, talvez devido à encomenda de um editor (estas seriam segundo Genette ‘notas alográficas’). Como exemplos de ‘notas autorais’ na literatura brasileira figuram obras como *Iracema* (1870), de José de Alencar, que saiu já na primeira edição com um apêndice de ‘notas’ do autor, um glossário de mais de vinte e cinco páginas explicando a fauna, a topografia, comida, nomes, palavras indígenas etc. (cf. Alencar 219-244). Outro exemplo é o romance *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida, com um glossário de catorze páginas com mais de 300 palavras registadas, usadas principalmente no nordeste, com explicações breves (cf. Almeida 189-203).

Afinal, sugiro para o caso de um glossário inexistente na obra original na sua língua fonte (como acontece com as de Jorge Amado), mas acrescentado na tradução para a língua alvo, o alemão, o uso da expressão genética de ‘notas autorais’, que resulta ser uma variação peculiar da ‘nota alográfica’, que por sua vez não necessariamente depende da concessão do autor da obra original, porque a autoridade não vem do próprio autor, mas do assunto, que pode ser também um autor (cf. Genette, *Paratexte* 323).

O mais fecundo tradutor, mediador, promotor e divulgador da literatura brasileira para o alemão desde os anos 50 foi sem dúvida Curt Meyer-Clason, que faleceu no ano de 2012 com 101 anos de idade. Ele traduziu as obras de Machado de Assis, Mário de Andrade, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, entre muitos outros autores canonizados como clássicos. Hoje em dia, a tradutora Karin von Schweder-Schreiner sucedeu-o como a mais fecunda tradutora ativa da literatura brasileira contemporânea, ela ocupa quase um posição monopolista. Este fato mostra a bibliografia das traduções de literatura brasileira para o alemão nos passados 500 anos: entre as obras traduzidas por ela figuram os contemporâneos Moacyr Scliar, Rubem Fonseca, Milton Hatoum, Antonio Callado, Bernardo Carvalho e muitos outros (cf. Küpper 491, 493).<sup>9</sup> Isto é, estes são os mais renomados autores brasileiros contemporâneos da segunda metade do século XX e começo do século XXI. O fato de ser escolhido para uma tradução significa para qualquer autor, além de mais vendas, um ganho de prestígio literário e notoriedade no campo de cultura. Outro tradutor, durante sua vida profissional, na sua atividade principal como professor universitário de literatura brasileira, portuguesa espanhola e latino-americana, na Freie Universität de Berlim, que exerceu o ofício de tradutor como uma atividade acessória, é Bertold Zilly. Mesmo exercendo esta dupla atividade, o número de traduções dele não atinge a quantidade vertiginosa de Schweder-Schreiner. Um fato que não se opõe a qualidade das suas traduções, ao contrário. Quase todas as traduções feitas por Zilly, entre elas as obras de Machado de Assis, Euclides da Cunha, Lima Barreto e Raduan Nassar, foram resultado da sua própria escolha, sua paixão pela literatura e seu amadorismo no bom senso da palavra.<sup>10</sup> Atualmente ele ocupa o posto de um *‘translator in residence’* na Universidade de Florianópolis, de Santa Catarina (UFSC). No caso de Schweder-Schreiner, trata-se supostamente, na maioria dos casos, de trabalhos encomendados por editoras ou por agências literárias, principalmente pela maior delas na Alemanha na área de literatura brasileira, a da falecida Ray-Güde Mertin, hoje chefiada por Nicole Witt. Ambos os tradutores, Zilly e Schweder-Schreiner foram premiados pelas suas traduções e destacados como excelentes nas resenhas literárias dos jornais da Alemanha. Como os dois tradutores mencionados e suas traduções se diferenciam, notam-se neles, igualmente, distintas formas

---

<sup>9</sup> Cabe advertir que na excelente bibliografia da literatura brasileira traduzida para o alemão de Klaus Küpper, além de muitos detalhes como desenho da capa, indicação de prefácios, introduções etc., infelizmente não se faz referência aos glossários em anexo (cf. Küpper).

<sup>10</sup> Além das suas traduções, Zilly publicou vários artigos em que se dedica a esclarecer sua abordagem sobre a tarefa do tradutor chegando à auto-imagem de definir seu trabalho como “a co-autoria do bom entendedor” (Zilly 343).

na abordagem de criar e conceber um dicionário auxiliar no anexo como uma observação atenta pode mostrar o seguinte.

Enquanto se lê com ligeiras modificações na página do título em alemão de uma obra traduzida por Zilly, uma longa frase como “aus dem brasilianischen Portugiesisch übersetzt und mit Anmerkungen, Zeittafel, Glossar und einem Nachwort versehen von...” (‘traduzido do português brasileiro e acrescentado com comentários, tabela cronológica, glossário e um posfácio’) ou “übersetzt und herausgegeben von...” (‘traduzido e editado...’), no caso de Schweder Schreiner simplesmente na maioria dos casos aparece a informação lacônica “traduzido do português brasileiro” como “aus dem brasilianischen Portugiesisch übersetzt von ...”, mesmo quando o livro contém um glossário em anexo este não é mencionado. Será uma modéstia pelo lado dela ou uma decisão da editora de não ‘assustar o leitor’ com pormenores demais, que indicam talvez uma certa complexidade?

Nas obras traduzidas por Karin von Schweder-Schreiner, como p. ex. a já mencionada *Werkstatt der Wunder*, *Tenda dos Milagres*, de Jorge Amado, o glossário ocupa um espaço de pouco mais de quatro páginas, no romance *Quarup* de Antônio Callado são seis páginas; em *Ana in Venedig*, *Ana em Veneza*, de João Silvério Trevisan nove páginas. Muitos outros livros, romances, saíram na suas traduções sem qualquer glossário (p. ex. M. Hatoum, R. Fonseca, B. Carvalho e outros). Uma decisão da tradutora, que achou desnecessário, ou uma decisão da editora por cálculos econômicos? Tem que se admitir que grande parte da ficção brasileira contemporânea na era da globalização se entende hoje em dia como uma literatura das metrópoles, da urbana vida brasileira, que se aproxima às condições de vida mais ou menos frequentes em todo o mundo ocidental; até parece uma certa moda que os autores escolham como fundo de pano outros países, cidades em todo o mundo.<sup>11</sup> Como os autores de hoje encontram na sua procura da identidade brasileira, a famosa ‘brasilidade’ no estrangeiro. Talvez por estas tendências globalizantes a necessidade de anexar glossários torna-se à primeira vista prescindível, pelo menos nestes casos. Ainda existem vertentes de regionalismo como testemunham alguns autores contemporâneos como João Almino ou Ronaldo Correia de Brito. A cultura afro-brasileira e o indianismo emergem nas obras deles como em outros autores sob um novo signo.

---

<sup>11</sup> O produtor Rodrigo Teixeira anunciou em 2007 o projeto “Amores Expressos”, que levou 17 escritores brasileiros para diferentes cidades do mundo, como Berlim, Tóquio, Praga e Buenos Aires (cf. *BRAVO!* 95).

Nas traduções de Zilly, os glossários, e quase sempre com suas notas, ensaios e cronologias ocupam um espaço muito mais extenso. Em *Krieg im Sertão, Os sertões: a campanha de Canudos*, de Euclides da Cunha, chegam até noventa e quatro páginas, das quais quatorze são dedicadas a um chamado ‘glossário’ e um outro glossário, embora chamado ‘Vorbemerkung’, com os termos e dados históricos, geográficos e nomes de pessoas, mais de cinquenta páginas (cf. Cunha 689-783). O romance *Das traurige Ende des Policarpo Quaresma, Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, tem mais de cinquenta páginas de notas no total, com uma cronologia, um posfácio e finalmente um glossário de treze páginas; no *Tagebuch des Abschieds, Memorial de Aires*, de Machado de Assis, o leitor encontra as notas do tradutor (‘Anmerkungen’), que em verdade são um glossário não alfabético, ordenado segundo as páginas referentes no texto, de dezesseis páginas, e um ensaio de dez páginas sobre o autor e a sua época. Um caso raro é *Das Brot des Patriarchen, Lavoura arcaica*, de Raduan Nassar, que é completado por ele, desta vez, só com um ensaio do tradutor, que serve de introdução. Explica-se este fato talvez que a ambientação da narração tenha poucas referências ao Brasil e muito mais ao arcaico mundo preservado dos imigrantes sírio-libaneses na sua nova terra.

Basta esta comparação breve entre estes livros traduzidos por Zilly e Schweder-Schreiner, arbitrariamente escolhidos, para deixar clara a diferente abordagem da tarefa dos tradutores. Por um lado, pela quantidade dos vocábulos glosados e os diferentes tamanhos dos glossários (o espaço ocupado por estes, medido em páginas). Por outro lado, a elaboração e preparação do texto original com os comentários e notas indicam uma conscientização do tradutor que diz respeito à complexidade do texto original. Para fornecer uma compreensão melhor ao leitor alemão, o livro traduzido precisa, além disso, de certas artimanhas. Também as explicações, em ambos os tradutores, se diferenciam pelas suas dimensões em frases. Enquanto Schweder-Schreiner explica normalmente os termos e as palavras em uma ou duas linhas, a interpretação por Zilly excede quase sempre duas linhas para chegar, não raras vezes, a oito, dez ou mais linhas. Para ilustrar a diferença entre as duas maneiras de glossar um vocábulo, eis aqui como exemplo a palavra ‘Cangaceiro’.

No glossário do romance *Quarup*, lê-se: “Cangaceiro: Bewaffneter, meist gekaufter Bandit im Nordosten Brasilien” (Callado 723, trad. minha, “Cangaceiro, bandido armado, muitas vezes contratado no nordeste do Brasil”).

Em contrapartida em *Krieg im Sertão*, sob o verbete ‘Cangaceiros’ se lê:

Bandidos armados do nordeste brasileiro, muitas vezes pactuam com o políticos locais e grandes latifundiários, em parte por conta deles

cometeram crimes, mas muitas vezes de certa forma de conta própria. Montados geralmente em bandos maiores. O cangaço, quer dizer as atividades dos cangaceiros, foram comuns até os anos trinta do século XX no nordeste – norte em E. da Cunha; muitas vezes e na maioria dos casos foram idealizados como bandidos sociais do tipo Robin Hood, especialmente na cultura popular, mas também no cinema, Termo sobretudo usado ao norte do rio São Francisco, hoje em dia somente histórico. (Cunha 744, trad. minha)<sup>12</sup>

Ambos os tradutores descuidam da correta pronúncia em português do Brasil da palavra glosada, que afinal se revela como outro obstáculo com qual um leitor alemão se vê confrontado quando recorre a um glossário no livro que lê. Como o português ainda é uma língua falada por uma minoria de alemães, o desconhecimento da correta pronúncia da palavra ou do termo, a sua fonética por parte do leitor é uma realidade. Muitos fonemas do português, no total existem 34, têm uma pronúncia distinta da que ocorre na língua alvo, enquanto outras letras só existem em português. Assim, o leitor sem conhecimentos básicos do português dificilmente vai ser capaz de acertar a forma fonética ('Klangbild') de certa palavra.

É lugar comum considerar que as traduções envelhecem involuntariamente e sem falta com o decorrer do tempo. Mostra isso a avalanche de novas traduções de clássicos da literatura para o alemão, como também para o português nos últimos anos. Autores como Cervantes, Tolstoi, Dostoievski, Melville, Stendhal, Flaubert e muitos outros tiveram suas obras publicadas com novas traduções na última década no mercado livresco da Alemanha. Além de interesses editoriais econômicos, cada época precisa dos seus clássicos em novas traduções. Na área da literatura brasileira, temos por exemplo a nova tradução da *Tenda dos milagres*, que em 1978 saiu sob o título *Die Geheimnisse des Mulatten Pedro* – literalmente traduzido *Os segredos do mulato Pedro* –, agora de novo como *Werkstatt der Wunder* (o mesmo título com que saiu em 1972 na República Democrática Alemã, na editora Volk und Welt); atualmente Bertold Zilly está preparando uma nova tradução da obra epocal *Grande sertão: veredas*, que foi festejada quando publicada numa primeira tradução de Curt Meyer-Clason nos anos sessenta pelo próprio autor Guimarães Rosa e

---

<sup>12</sup> „Bewaffnete Banditen des brasilianischen Nordostens, die häufig mit Lokalpolitikern oder Großgrundbesitzern paktierten, z.T. in ihrem Auftrag Verbrechen ausführten, häufig aber auch gewissermaßen auf eigene Rechnung tätig wurden. Waren meist in größeren Banden organisiert. Der *cangaço*, also die Umtriebe der *cangaceiros*, waren bis in die dreißiger Jahre des 20. Jahrhunderts im Nordosten – Norden bei E. da Cunha – verbreitet; oft und meist zu Unrecht wurden sie als Sozialbanditen vom Schlage eines Robin Hood verklärt, vor allem in der Volkskultur, aber auch im Film, Bezeichnung vor allem nördlich des Rio São Francisco gebräuchlich, heute nur noch historisch.“

pelos críticos como congenial. Os glossários também não escapam deste destino do envelhecimento precoce. Aqui entra em vigor, em parte, o chamado processo do ‘politicamente correto’ na área lexical. Palavras como ‘negro’, ‘negra’, ‘neguinho’, ‘mulato’, ‘mulata’, que implicam uma discriminação jamais tolerada e lícita, seja ela de caráter racial, sexual, social, individual etc., não devem ser mais usadas na suas formas prévias como no alemão ‘Neger’, ‘Negerin’ etc.

Uma explicação da palavra ‘Cabra’ – ‘Mischling aus Neger und Mulatte’ – ‘mestiço de negro e mulato’ que ainda se encontra em *Quarup* (Callado 723), muito provavelmente jamais sairá num glossário de uma nova tradução. Na tradução de *Tenda dos milagres*, que tem como ambiente Salvador da Bahia, com sua cultura e cultos afro-brasileiros proeminentes não aparece mais a palavra ‘negro’ glosada.

O que era necessário explicar há trinta, vinte anos, como p. ex. a palavra ‘cachaça’ – ‘Aguardente de cana-de açúcar’, ‘Zuckerrohrschnaps’ (em *Quarup*, 723), hoje já tem uma certa divulgação fora do Brasil. Nos cardápios de muitos bares e nas estantes de supermercados na Europa, a cachaça encontrou seu lugar ao lado de *whisk(e)y*, *cognac*, *grappa*, rum e outras bebidas alcoólicas. O que fica ainda escondida é a história por trás da cachaça: a importância do ciclo econômico da cana-de-açúcar, os engenhos do nordeste como berços da cultura brasileira, os latifúndios, a mitologia da bebida, a sua repercussão na literatura, etc. A globalização no campo industrial, econômico e cultural, possibilitada e forçada também pelo crescente turismo mundial nos últimos decênios, familiarizou o leitor com muitos termos antes completamente desconhecidos. A decisão de um tradutor de incluir ou excluir uma palavra não existente na sua língua materna, aliás, exige várias ponderações. A existência da internet pode fornecer hoje e, supostamente em grau mais elevado, no futuro ao leitor novas fontes de informação que antes só eram acessíveis através de uma trabalhosa e rigorosa consulta nas bibliotecas. O surgimento de novas formas de publicação de literatura nas mídias digitais, antes de tudo nos livros eletrônicos (e-books), permite imaginar textos interligados através de links eletrônicos, abastecendo o leitor com as informações de grande utilidade.

O presente estudo tentou apresentar o fenômeno e os problemas dos glossários nas traduções de literatura brasileira para o alemão e, supostamente, de modo semelhante em outras línguas. Ficou evidente que este tipo de paratexto, as chamadas notas autorais de Genette, tem um papel importante na recepção do leitor, embora muitas vezes ele seja tratado com pouco cuidado, para não dizer de modo negligente. Somente um bom glossário, concebido com sensibilidade e erudição, é capaz de providenciar uma

compreensão do texto traduzido para a língua alvo. O meu intento era mostrar, através da confrontação de modelos opostos, na abordagem proposta, a criação de um glossário (e parece que só existem estes dois tipos):

- primeiro, o glossário cuja tradução, na maioria dos casos, motivada e/ou encomendada, pode ter como resultado uma abordagem rudimentar com explicações de poucas ou raras palavras; e,
- segundo, aquele cuja tradução filológica se caracteriza por ser mais extensa na suas notas, comentários e glossários, mais pormenorizada nas explicações, consegue emoldurar o verbete num contexto mais complexo.

Deste modo, revelam-se nitidamente as virtudes, os defeitos e as imperfeições dos glossários, assim como sua miséria e seu esplendor.

Criar um glossário significa e exige em primeiro lugar ter conhecimento profundo da cultura e da língua fonte, que, no caso ideal, deve estar a par da cultura e da língua materna/alvo. Não basta elucidar os verbetes com explicações brevíssimas, que podem constar num dicionário mono- ou bilíngue básico, mas não fazem sentido numa obra de ficção oriunda de outra cultura distinta da própria. A tarefa do tradutor de literatura brasileira excede o espaço do texto determinado, para se dedicar com cautela e perspicácia a este trabalho suplementar, embora não secundário. São três as partes que são afetadas pela problemática e que comunicam entre si numa rede de relações interligadas: o editor/a companhia editorial, o tradutor e o leitor. A esses três elementos envolvidos junta-se o fator econômico: a editora quer ganhar dinheiro com a publicação, o tradutor quer uma recompensa razoável pelo seu trabalho e o leitor quer comprar o livro por um preço econômico. Qualquer aumento das páginas de um texto traduzido com notas, posfácios ou prólogos, glossários etc., exige custos adicionais, que resultam num preço mais elevado do livro. Um compromisso tem que ser firmado, respeitando as diferentes aspirações para se fazer jus a cada parte envolvida no empreendimento de se publicar um livro em tradução.

A primeira exigência seria o convencimento da editora pelo tradutor sobre a necessidade de um glossário elaborado segundo os critérios mencionados: uma certa dimensão textual e uma profundidade linguística e cultural. A segunda exigência se refere exclusivamente às condições específicas do tradutor: a sua erudição e sua competência, seja ela acadêmica e/ou adquirida como autodidata e, a partir daí, sua competência translatória, a necessidade de ser um versado e perito na cultura fonte, capaz de fabricar um glossário que merece ser considerado pelo leitor como uma fonte confiável, valiosa e imprescindível para o entendimento do texto literário.

Espero que, com as minhas exposições, tenha conseguido chamar a atenção para um aspecto na recepção de livros traduzidos, muitas vezes pouco percebido pelos próprios tradutores, assim como pelas editoras, pelos leitores e, *last but not least*, pelos pesquisadores e teóricos da tradução. Talvez esta digressão possa funcionar como um ponto de partida para outras pesquisas, análises e avaliações de glossários e outros paratextos nas traduções (não só) de literatura estrangeira, da brasileira para o alemão (ou outra) e vice-versa.

### **Bibliografia**

- Alencar, José. *Iracema*. Introdução de Guilherme de Almeida, ilustrações de Anita Malfatti. São Paulo: Martins, 1955 [1865].
- Almeida, José Américo de. *A bagaceira*. Lisboa: Livros do Brasil, s.d. [1928].
- Amado, Jorge. *Die Werkstatt der Wunder*, aus dem brasilianischen Portugiesisch von Karin von Schweder-Schreiner. Frankfurt am Main: S. Fischer, 2012.
- Andrade, Mário. *Macunaíma: der Held ohne jeden Charakter*, aus dem brasilianischen Portugiesisch und mit einem Nachwort und Glossar von Curt Meyer Clason. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1992.
- Assis, José Maria Machado de. *Tagebuch des Abschieds*, aus dem Portugiesischen übersetzt und herausgegeben von Berthold Zilly. Berlin: Friedenauer Presse, 2009.
- Barreto, Afonso Enriques de Lima. *Das traurige Ende des Policarpo Quaresma*, aus dem brasilianischen Portugiesisch, mit Zeittafel, Glossar und Nachwort versehen von Berthold Zilly. Zürich: Amman, 2001.
- BRAVO!*. *Para entender literatura brasileira*, org. João Gabriel Lima, Almir Freitas, Fernanda Santos; textos André Toso et al.. São Paulo, 2010.
- Cacciatore, Olga Gudolle. *Dicionário de cultos afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.
- Callado, Antônio. *Quarup: ein brasilianischer Roman*, aus dem brasilianischen Portugiesisch von Karin von Schweder-Schreiner. München: Piper, 1991.
- Cunha, Euclides da. *Krieg im Sertão*, aus dem brasilianischen Portugiesisch übersetzt und mit Anmerkungen, Glossar und einem Nachwort versehen von Berthold Zilly. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2000.
- Fohr, Dieter. *Trance und Magie: die afrobrasilischen Religionen*. München: Kösel, 1997.
- Genette, Gérard. *Paratexte: das Buch vom Beiwerk des Buches*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Paratextos editoriais*, trad. de Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê editorial, 2009.

- Hermans, Theo. "The Translator's voice in translated narrative." *Target* 8: 1, 1996, pp. 23-48.
- Küpper, Klaus. *Bibliographie der brasilianischen Literatur: Prosa, Lyrik, Essay und Drama in deutscher Übersetzung*. Mit einem Vorwort von Berthold Zilly. Köln/Frankfurt am Main: Verlag Klaus Küpper/TFM, 2012.
- Meyer-Clason, Curt. "Luanda – das Unübersetzbare", *Lusorama* n. 7, 1988, pp. 73-90.
- \_\_\_\_\_. "Glossar." In: Mário de Andrade. *Macunaima: der Held ohne jeden Charakter*, aus dem brasilianischen Portugiesisch und mit einem Nachwort und Glossar von Curt Meyer Clason. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1992, pp. 163-69.
- Munday, Jeremy (org.). *The Routledge companion to translation studies*, rev. ed., London/New York: Routledge, 2009.
- Nabokov, Vladimir. "Problems of translation: Onegin in English (1955)", *Partisan Review* 22, pp. 496-512 (reprinted in Lawrence Venuti [org.]. *The Translation Studies Reader*, 2nd edition, London/New York: Routledge, 2004, pp. 115-27).
- Nassar, Raduan. *Das Brot des Patriarchen*, aus dem brasilianischen Portugiesisch übersetzt und mit einem Nachwort versehen von Berthold Zilly. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2004.
- Nord, Christiane. "Alice im Niemandsland: Die Bedeutung von Kultursignalen für die Wirkung von literarischen Übersetzungen." In: Holz Mäntäri/Christiane Nord (orgs.). *Traducere Navem. Festschrift für Katharina Reiß zum 70. Geburtstag*. Tampere: Tampereen yliopisto, 1993, pp. 395-416.
- Romão, Tito Lívio Cruz. "Die Problematik der Übersetzung von Begriffen aus afrobrasilianischen Religionen". In: Mira Kadric/Klaus Kaindl/Franz Pöschhacker (orgs.). *Translationswissenschaft: Festschrift für Mary-Snell-Hornby zum 60. Geburtstag*. Tübingen: Stauffenburg, 2000, pp. 227-239.
- Staden, Hans. *Viagem ao Brasil*, versão do texto de Marpurgo, de 1557, por Alberto Löfgren, revista e anotada por Theodoro Sampaio. Rio de Janeiro: Academia Brasileira, 1930. Biblioteca Nacional Digital: <http://purl.pt/151/1/index.html#/168>.
- \_\_\_\_\_. *Brasilien: Die wahrhaftige Historie der wilden, nackten, grimmigen Menschenfresser-Leute* [1548-1555]. Herausgegeben und eingeleitet von Gustav Faber. Aus dem Frühneuhochdeutschen übertragen von Ulrich Schlemmer. Tübingen: Erdmann, 1982 [1557].

- Sträter, Thomas. *Feste und Proteste: Literatur und Musik in der lateinamerikanischen Moderne bei Jorge Luis Borges, Mário de Andrade, Alejo Carpentier, José María Arguedas*. Berlin: edition tranvía, 2010.
- \_\_\_\_\_. “Traduzir é preciso – Übersetzen tut not: Sprach- und Kulturtransfer in Mia Coutos Roman *O último voo do flamingo*.” In: Tinka Reichmann/Thomas Sträter (orgs.). *Übersetzen tut not – Traduzir é preciso: Beiträge zur Übersetzungstheorie und -praxis in der deutsch- und portugiesischsprachigen Welt*. Berlin: edition tranvía, 2013, pp. 163-186.
- Trevisan, João Silvério. *Ana in Venedig*, aus dem brasilianischen Portugiesisch von Karin von Schweder-Schreiner. Frankfurt am Main: Eichborn, 1997.
- Venuti, Lawrence. *The Translator's Invisibility: A History of Translation*. London/New York: Routledge, 1995.
- Vejmelka, Marcel. “Das Werk Jorge Amados in der DDR und der BRD: ein Vergleich der Rezeption und der Übersetzungen.” In: Erhard Engler/Axel Schönberger (orgs.). *Studien zur brasilianischen und portugiesischen Literatur*. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europea, 2001, pp. 203-342.
- Wolf, Michaela. “Postkolonialismus”. In: Mary Snell-Hornby/Hans G. Hömig/Paul Kußmaul/Peter A. Schmitt (orgs.). *Handbuch Translation*. Tübingen: Stauffenburg, 1998, pp. 102-104.
- Zilly, Berthold. “O tradutor implícito: Translingualidade e transculturalidade em *Os sertões*”. In: Erhard Engler/Axel Schönberger (orgs.). *Studien zur brasilianischen und portugiesischen Literatur*. Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea, 2001, pp. 343-394.

**Thomas Sträter** is professor and head of the Luso-Brazilian Dept., School of Translation and Interpreting, University of Heidelberg, Germany. He obtained his PhD degree with a thesis on the Brazilian *crônica* genre; his post-doctoral thesis (*Habilitation*) deals with the relationship between literature and music in Latin America and Brazil. At present, his main teaching interests are translation theory and history with special emphasis on Portuguese-speaking countries. His most recent book publication (with T. Reichmann) was *Traduzir é preciso*, Berlin 2013.

Correio eletrônico: thomas.straeter@iued.uni-heidelberg.de